

CRENÇAS E RELIGIOSIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Grupo de reflexão SOPHOS**

Resumo:

O grupo de estudos *Sophos* apresenta uma abordagem multidisciplinar do fenômeno religioso. Num primeiro momento apresenta as características típicas da religiosidade das pessoas de hoje. Diante dos desafios e ambiguidades, um primeiro diálogo é estabelecido com a teologia, a seguir com a psicologia e outras ciências em geral onde aproximações e distanciamentos puderam ser considerados. Alguns aspectos jurídicos tanto internos à Igreja como da sociedade são analisados em suas relações com a prática religiosa. A relação entre religião e saúde que sempre esteve presente na religiosidade mereceu uma atenção especial dos estudos atuais. A religião de um ou outro modo sempre serviu-se de meios de comunicação, entretanto, a situação atual apresenta fenômenos únicos na história. Por fim, os autores, lançando mão dos estudos de diversos estudiosos do tema, buscam compreender o *mercado religioso* contemporâneo e suas peculiaridades.

Palavras-chave: Religiosidade; Religião: mídia; Religião: saúde; Fenômeno Religioso; Religião: sociedade; Religião: Direito.

Abstract:

The *Sophos* study group presents a multidisciplinary approach to the religious phenomenon. As a first step he presents the typical characteristics of religiosity of the people of today. Having in mind some challenges and ambiguities, a first dialogue is established with theology, then with psychology and other sciences in a broadly ways where points of touch and distances could be considered. Some legal aspects both internal to the Church and the society are analyzed in its relations with the religious practice. The relationship between religion and health has been always present throughout the history and deserved special attention of current religiosity studies. Eventually, the authors, having in mind various scholar studies on the subject, seek to understand the contemporary *religious market* and its peculiarities.

Key Words: Religiosity; Religion: Mídia; Religion: Health; Religious phenomenon; Religion: Society; Religion: Wright.

STATUS QUAESTIONIS

A religião sempre esteve no currículo da sociedade humana. Desde os primórdios, o ser humano pratica a religião, com maior ou menor intensidade. Cícero dizia, de fato, que se pode encontrar cidades sem muralhas, sem exércitos e sem palácios; nunca porém se encontrou povos

sem templos. Vivemos alguns períodos de grandes confrontos entre a religião e a ciência, sobretudo no advento das ciências humanas, mas também no desenvolvimento das ciências biomédicas. Alguns pensadores modernos propalaram igualmente o declínio da religião diante do racionalismo filosófico. Eram muito comuns as posturas que colocavam a religião como forma primária e ingênua do comportamento humano. No período entre guerras do século XX, havia grande desapontamento com a religiosidade, pelo que se perde a referência com a figura divina. Nas décadas posteriores à II Guerra Mundial, tinha-se a impressão que os jovens e as mentes mais ilustradas sepultariam as práticas religiosas, sobretudo aquelas tradicionais.

Nas últimas décadas, no entanto, as religiões voltaram intensamente às estruturas da sociedade, tomando espaço nos meios de comunicação, no cotidiano dos povos, na ordem econômica e nos confrontos políticos. Não ficou invisível que candidatos políticos que confrontaram a religião perderam muitos eleitores e até mesmo renegaram a si mesmos. Eram resquícios daqueles tempos acadêmicos, onde se renegava a religião (e era chique!). Mais evidente ainda a força que grupos religiosos se envolveram nos poderes políticos e os manipularam para interesses não públicos. Inegável ainda que o volume financeiro não pode ser ignorado, pois os templos envolvem grandes somas de dinheiro.

Este fenômeno não poderia ficar despercebido. Os estudiosos buscaram entender esta nova realidade. Descortinaram-se aos nossos olhos movimentos religiosos que seriam consideradas medievais, retrógradas e fetichistas. Em tempos de secularização, de avanços científicos e de comunicação virtual, revivemos espiritualidades e espiritualismos tidos como primitivos.

Esta contraposição de ideias da sociedade contemporânea exige muita reflexão e algum pronunciamento. Por ser assim, o *Grupo de Estudos Sophos* de reflexão afrontou esta questão, nas várias áreas, como por exemplo: sociologia, teologia, filosofia, psicologia, pedagogia, bem como o direito. Estas reflexões devem nos aproximar da realidade dos fatos: a prática religiosa nos dias atuais. Uma evolução da humanidade ou um regresso às suas formas mais primitivas de compreender o universo?

Tendo em vista a pluralidade dos componentes do grupo de estudo, as posições expressas provem de falas de diferentes lugares, portanto assume-se esse vai e vem entre o universal e o particular, como característica da multiplicidade de olhares de quem exercita a tolerância sobre um tema amplo e complexo.

1 - EXPRESSÃO DO RELIGIOSO NA PÓS-MODERNIDADE

A religião é o supremo escudo contra o caos, nos ensina Berger.¹ Ainda mais, o caos nunca é totalmente abolido, está sempre à espreita e se instala, sobretudo, nos períodos de grandes transformações históricas que atravessam as sociedades. E como as religiões acompanham a história,

elas também se transformam para recompor suas teodiceias, enfrentar os deslocamentos no mercado de bens sagrados e fornecer plausibilidade às experiências dos homens.

Pode-se afirmar que a pós-modernidade expressa essa experiência caótica coletivamente. Tratar da pós-modernidade envolve considerar o caráter letal, para as instituições, da vitória da modernidade ocidental. Esse processo implica em desintegração das certezas criadas na sociedade industrial e a busca de novas certezas, onde o papel do indivíduo ganha projeção e se superpõe ao coletivo, no esforço de recuperar algum nível de consenso. Beck² afirma que a [...] *individualização significa que a biografia padronizada torna-se uma biografia escolhida, uma biografia do tipo faça-você-mesmo*. As experiências biográficas que antes recebiam acolhida no grupo, comunidade, família, ou classe agora são interpretadas pelo indivíduo solitário e autossuficiente. *Estas são as dores do parto de uma sociedade de ação nova, uma sociedade de autocriação, que deve inventar tudo, mas não sabe como, com quem fazê-lo e com quem absolutamente não fazê-lo.*³

As religiões tradicionais respondem a este processo procurando reinventar-se no âmbito dos seus próprios quadros institucionais, mas esta circunstância oferece oportunidade, também, para experimentos religiosos inusitados, que procuram ocupar os espaços abertos e oferecem novas interpretações.

O século XX foi marcado por bruscas mudanças sociais que envolveram o deslocamento de populações de, e em todas as direções do globo. A migração de povos e de pessoas, o desenraizamento e o enraizamento de culturas e de religiões produziram o encontro de diferentes tradições e fecundaram modos sincréticos de conferir sentido às estruturas sociais da modernidade.

Em artigo de 2006, o antropólogo Geertz trata da modernização das religiões neste contexto de desterritorialização, oferecendo argumentos que dão conta da experiência pós-moderna. O seu recorte é inusitado, pois religião e modernidade sempre se apresentaram, aos olhos dos teóricos, como antinômicos. Lembro que a modernidade apostou no desaparecimento das religiões e no nascimento de uma sociedade secularizada, com infinitas nuances, de acordo com a utopia de cada um. Pois bem, a sociedade se secularizou, mas também abriu espaço para a diversificação e o descompromisso para com as instituições; neste processo, se abriram novas perspectivas para pertencimentos sociais e culturais. As religiões não ficaram isentas a essas transformações e, em vez da indiferença religiosa, hoje ouvimos um forte rumor de anjos.

Voltemos a Geertz que nos convida:

[...] a estudar a modernização no seio das religiões, a não mais avaliar o avanço ou o recuo da religião em geral, mas, sim, apreender os processos de transformação e reformulação de cada religião específica no momento em que ela se vê

*penetrada, de bom ou de mau grado, pelas perplexidades e desordens da vida moderna.*⁴

Os novos modos de adesão religiosa comportam desde experiências internalizadas, fontes de orientação de vida sinceras, a comportamentos nômades, onde indivíduos praticam experimentalismo em busca de um aprendizado incessante. Entram neste cadinho as tradições de um oriente mitificado bem como crenças nativas, sobreviventes ou recriadas e reinterpretações do conhecimento científico. Neste processo, o sentido da experiência religiosa anterior é ressignificado à luz de novas crenças, como ocorre com o fenômeno da conversão. Em períodos de identidades líquidas, o comprometimento e o engajamento oferecem oportunidades para o pertencimento social.

Enfim, essa grande diversidade de crenças é acompanhada de modos próprios de adesão às religiões que expressam suas diferentes estratégias para enfrentarem os desafios da modernidade.

2 - PERSPECTIVA TEOLÓGICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Mais que nunca, estamos à caça das manifestações divinas e sua acolhida, como elemento nucleador da cosmovisão do ser humano em nossos dias. De fato, a dinâmica cíclica da trajetória humana nos obriga a repensar os caminhos por onde desfilam os mitos religiosos e suas práticas rituais e místicas. Todas as profecias de um mundo sem religião que afluíram algumas décadas atrás, perderam completamente suas interjeições. Os profetas dos deuses da tecnologia, das ciências racionais e das pesquisas científicas se calaram diante da explosão de práticas místicas, místicas e ritualísticas que se espalharam pelas luzes da cidade.

O fenômeno das práticas que parecia estar encantado nos espaços camponeses, periféricos e rurais, bem como às pessoas empobrecidas e ignorantes do conhecimento acadêmico, invadiu as regiões urbanas, das periferias para os jardins, dos populares para as universidades, dos artesãos para os cientistas. Naturalmente, por questões culturais e mesmo discriminatórias, os ritos são aparelhados com distinção entre os ignotos e os doutos, entre os pobres e os abastados, entre os *bregas* e os *chiques*. Para além de suas formas estruturais e de suas roupagens linguísticas e estéticas, notamos simplesmente que são idênticos na busca de respostas semelhantes para a mesma condição humana.

Com o pressuposto de que os fenômenos naturais eram facilmente explicáveis pelos desbravadores das ciências biomédicas, da genética e ciências físicas, seus protagonistas acreditaram que não seria mais necessário levantar os olhos para responder suas próprias questões. Vestiram-se de vaidade cognitiva. Acreditando que as respostas trazidas secularmente pelas crenças, alimentadas pelos axiomas filosóficos, os estudiosos das ciências humanas agendaram as exéquias dos rituais religiosos e das suas respostas para o destino humano. Vestiram-se de

deuses da razão em ritos secularizados. Diante deste roteiro, preparado nos bastidores do estádio onde as multidões se acotovelam nos centros urbanos e nas periferias sociais, o homem contemporâneo considera a religião como coisa do passado, legado da ignorância e mito a ser esclarecido.

Porque, então, voltou à prática religiosa com tanta força e tanta inferência no tecido social de nossos dias, convivendo com a razão, com as ciências naturais e com as novas descobertas científicas? Faustino Teixeira aponta que

*é difícil para o ser humano viver em um estado de tal insegurança ou incerteza. Não há como conviver em um mundo social sem ordenação e significado, pois a exigência humana de sentido é um dado antropológico essencial. Assim, verificamos nesse tempo de opacidades a afirmação e o crescimento de caminhos espirituais diversificados, como mecanismos essenciais de construção de teias de sentido em um mundo fragmentado.*⁵

Teologicamente, descobriu-se que ficara um vácuo no espírito humano, pois estas respostas resolviam os questionamentos referentes à história humana, mas não abarca sua história transcendental. A necessidade de transcendência foi ignorada de forma inconsequente, como uma semente que a gente deixa jogada para trás na horta, mas que depois volta silenciosamente, cresce com vigor e exige atenção. E como nos recorda Guimarães Rosa, no seu clássico *Grande Sertão, Veredas*, o ser humano sedento bebe qualquer água e se alimenta de qualquer raiz. Tudo isso pode ser bem perigoso, pois águas saciam, mas podem contaminar, raízes alimentam, mas podem envenenar. Este é o painel concreto das práticas religiosas de nosso mundo contemporâneo.

Mesmo que consideremos que muitas destas práticas religiosas que detonam os espaços rituais possam ser questionáveis, chegando mesmo ao charlatanismo, não se pode ignorar que elas conseguiram êxito. As práticas religiosas recolocaram a importância da espiritualidade, sem a qual o ser humano se esvazia e enlouquece. As ciências humanas e podemos citar Peter Berger e Clifford Geertz revelam que a espiritualidade dos ritos dão referência e significado para a dor, o sofrimento e particularmente a morte, levando a compreender os paradoxos que se instalam em nossa existência.⁶ Dar sentido não quer dizer eliminar ou curar milagreiramente, mas imprimir significação e impulsionar seu enfrentamento.

Mais ainda, a ética destas práticas voltou a dar parâmetros para o ser humano desgovernado pela moral comunitária, que decretou sua plena liberdade. Considere-se também que cada pessoa precisa de seus próprios limites, para determinar as fronteiras de sua ação livre. Do ponto de vista da religiosidade podemos falar em liberdade somente quando definimos as

margens de nossas possibilidades. Acenamos que nas manifestações religiosas mais tradicionais (divergem-se, digamos das produções de religiões, como Goethe falava da produção de políticos profissionais), a boa conduta ou a pureza de coração são as vias principais de acesso à experiência religiosa.⁷

Procuramos entender, a partir da teologia, estas manifestações de Deus. Deus é mais que uma fenomenologia dos ritos humanos, pois caso contrário não sobreviveria aos percalços e impactos dos vários setores das ciências. Mesmo que permaneçam os teimosos e presunçosos da cosmovisão contemporânea da *morte dos deuses*, no substrato humano prevalece a força e a graça divina que sustenta a existência em todos os seus aspectos fundamentais. Durkheim ensina que a prática religiosa é uma força dinâmica capaz de fortalecer o espírito humano no enfrentamento da adversidade.⁸

Mais que ignorar os fatos, que se evidenciam aos nossos olhos cotidianamente, é preciso tomar pé da situação. Faz-se necessário compreender o fenômeno, equilibrar suas práticas, para que o uso indevido e instrumentalizado dos rituais religiosos não provoque sua rejeição. O que, profeticamente se espera das práticas religiosas é que haja melhor equilíbrio entre o providencialismo e a inserção libertadora destas práticas religiosas, que o Deus revelado não seja a teologia da resignação e da retribuição, mas uma espiritualidade do não conformismo e da transformação social. Deus é força de transformação e não apenas consolador das misérias humanas. A prática religiosa em seu modelo contemporâneo exige profetismo e não se entregar ao providencialismo divino, que é, na verdade, entorpecente nas lutas libertadoras do povo oprimido.⁹ Assim como o uso irracional e desequilibrado da liberdade, pode levar à sua própria rejeição, a manipulação desregrada dos ritos provoca sua refutação e sua negação.

A construção dos mitos e ritos sofrem a interferência dos desdobramentos culturais e naturais, mas segue seu curso normal, contribuindo para inovar as práticas religiosas. Ao passamos da simbologia do universo camponês para o universo urbano e do universo urbano para o universo virtual, notamos que a essência humana continua na construção de ritos que sejam eficientes para celebrar suas crenças e eficazes na elevação de sua mística. Fundamentalmente, o ser humano é marcado pela mesma busca transcendental que sempre se revelou, desde os tempos das cavernas, passando pelos tempos das fixações agrícolas, emigrando com ele, nos tempos das navegações. Nem podemos dizer que este fenômeno emigrou, dado que estava presente em todos os povos e em todos os lugares do universo das descobertas. Pertence ao ser humano, como seu elemento constitutivo. M. Granés anota *que devemos ter a precaução de não descuidar hoje daquela dimensão espiritual que ultrapassa toda a expressão cultural humana, aquilo que nossos antepassados chamaram de Deus. Se caso nos esquecermos disso, então ficaremos presos na pura animalidade.*¹⁰

Os meios de comunicação, desde os mecanismos virtuais mais simples, até a complexa nanotecnologia não professam ideologia ou crenças religiosas. Estes instrumentos revelaram sua eficiência nesta guerra epistemológica, aproximando universos distintos, que se encontravam apenas em rodas de amigos, plateias acadêmicas, assembleias eclesiais e folhas de papel. Como serviram para o encontro e o confronto entre estes universos (razão e fé, ciência e religião), continua servindo de palco virtual e real para seu diálogo e compreensão mútua. As ciências teológicas e da religião são os moderados desta conversação plural.

O diálogo continua aberto, uma vez que surgiram novas premissas no encontro entre as cosmovisões religiosas e o universo científico. A fé e a razão continuam ocupando o espírito humano, portanto não podem fragmentá-lo, mas equilibrar seu olhar transcendente, para o divino, e seu olhar imanente, para a história.

3 - PSICOLOGIA E A RELIGIÃO CONTEMPORÂNEA

A palavra *Religião* pode ser entendida etimologicamente através de duas raízes. Uma vem de *religare*, que remete a uma aliança com Deus, onde o clero da Igreja Medieval julgava ser a casta eleita para fazer a intermediação entre os homens comuns e Deus. A outra vem de *religere*, que significa uma observação cuidadosa de si mesmo ou também uma releitura.

Dentro do campo psicológico se fixa nas ideias do psicólogo suíço Carl Gustav Jung, uma vez que para Sigmund Freud a religião seria um mecanismo de defesa do ego diante da fragilidade humana, uma neurose obsessiva da humanidade. Para Jung a religião é uma manifestação natural e espontânea do ser humano em busca de uma realização maior, contribuindo, e muito, para a saúde física e psíquica de seus praticantes.

No portal frontal da casa de Jung em Küsnacht está gravada a seguinte expressão: *VOCATVS ATQUE NON VOCATVS DEVS ADERIT* que significa *Invocado ou não, Deus estará Presente*.

Nas suas palavras:

De todos os meus pacientes que tinham ultrapassado o meio da vida, isto é, que contavam mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse o da atitude religiosa. Aliás, todos estavam doentes, em última análise, por terem perdido aquilo que as religiões vivas ofereciam em todos os tempos, a seus adeptos, e nenhum se curou realmente, sem ter readquirido uma atitude religiosa própria, o que, evidentemente nada tinha a ver com a questão da confissão [credo religioso] ou com a pertença a uma determinada igreja.¹¹

A atitude religiosa autêntica seria aquela que facilitaria o processo de individuação, que cria um indivíduo psicológico, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade; é um processo contínuo cuja meta é o próprio desenvolvimento pleno da pessoa. Este indivíduo vive em sociedade, então a relação entre aspectos pessoais e coletivos pode ser mediada pela religião, tendo a possibilidade de constituir uma relação subjetiva do homem com seu meio, especialmente a sociedade ocidental moderna.

A religião exerceria uma importante função psíquica para o homem, no sentido de levá-lo a uma realização profunda, e teria como componente fundamental a experiência do numinoso, que em termos psíquicos seria uma fascinação do ego por uma manifestação arquetípica, algo extraordinário, como uma revelação. É, portanto uma experiência exclusivamente subjetiva e individual, ocorrendo através de uma prática religiosa, uma confissão numa comunidade de fieis.

Mesmo tendo em vista que práticas religiosas ocorram coletivamente, pode-se afirmar que a vivência religiosa não é algo que acontece somente àqueles que participam de um determinado credo, podendo-se verificar que qualquer pessoa não ligada a uma comunidade religiosa pode, ao seu modo, vivenciar uma verdadeira religiosidade. A busca de transcendência, ou seja, algo superior, fora dos limites do ego, sempre esteve presente na humanidade. O homem encontra em si mesmo e através da religiosidade popular, uma via e uma instância capazes de dar suporte, conforto e prover de esperança nos momentos de desespero e aflição, e pode também render graças a tudo o que vem de Deus, segundo sua fé nesta divindade.

O homem moderno conserva traços de valores religiosos que o culto à matéria, a massificação e a dessacralização do mundo não conseguiu apagar. O racionalismo presente na sociedade ocidental moderna dificulta o processo de individuação citado. Então, uma importante característica da religião é o seu ponto de referência extramundano, oferecendo ao indivíduo um ponto de apoio em oposição ao mundo racional e materialista, designando a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso. Ai é imprescindível uma participação ativa diante deste fenômeno através de um diálogo com o mundo em suas condições psíquicas, históricas, sociais e políticas.

Podemos verificar que nos polos desta condição acima podem ocorrer, de um lado, um contato com vivências profundas e ao mesmo tempo sem sentido religioso autêntico onde, se não há um ego bem estruturado, a vivência deixará de ser mística e passará a ser uma vivência psicótica na qual o consciente pode se desagregar. No outro polo, a ausência da dimensão espiritual faz com que a existência humana seja determinada, neste momento histórico, pelo *sonho de consumo* para o preenchimento de um vazio existencial. Então, faz-se necessário o resgate da verdadeira dimensão espiritual através da vivência do sagrado, em conjunto com um equilíbrio entre a razão e a matéria, com a ampliação da

consciência e o encontro de um sentido de ser no mundo. Isto, portanto torna-se um grande desafio da atualidade no nosso mundo contemporâneo.

Outras considerações: (com relação às pessoas que têm a espiritualidade como um dos valores mais importantes em suas vidas):

- Sentem e acreditam a divindade como fonte de energia para sua disposição interior, direcionando-a para suas ações e seu viver cotidiano. O desenvolvimento de suas vidas tem uma linha condutora ligada a Deus, determinando seus valores e suas potencialidades, proporcionando equilíbrio psíquico.

- O sofrimento físico e/ou psíquico sendo superado com o auxílio da religiosidade constituindo-se como uma forma de desenvolvimento psicológico e como fonte de fortalecimento da psique, onde a saúde nasce da força interior do indivíduo, tendo condições crescentes de superação de problemas.

- No caso particular do cristianismo, Deus, através da vida e ensinamentos transmitidos por Cristo e seus seguidores, configura-se como um modelo de identificação, semelhante ao que representa um pai para um filho que está se desenvolvendo, norteando e dando base por meio de valores, mostrando atitudes concretas. Cristo, Maria e os santos da Igreja Católica também se colocam no papel de interlocutores, conselheiros, amigos, acolhedores de mágoas, desesperos e revoltas.

- Através do Sacramento da Penitência ou Reconciliação católico, no ato da confissão, torna-se possível o acolhimento dos aspectos e comportamentos considerados negativos ou reprovadores que são inerentes a todo ser humano, e de suas mágoas e ressentimentos. Para a confissão, quando ocorre o exame de consciência, proporciona-se autêntica reflexão e posterior retomada de atitudes compatíveis a um viver mais equilibrado. O perdão divino provoca um *alívio psíquico*, assim como quando se é convidado a exercer o perdão humano nas suas relações.

- A necessidade de filiação, proteção e harmonia, e o sentimento de pertencer a um grupo, são comuns aos seres humanos. A participação em uma comunidade religiosa cumpre em grande parte esta necessidade em função do engajamento nas atividades e trabalhos exercidos na igreja a que pertencem. Neste exercício de convivência e acolhimento ocorrem muitas vezes relações onde a fraternidade propicia uma verdadeira vivência interior dos sentimentos de filiação e proteção, contribuindo para o equilíbrio psíquico dos indivíduos e dos grupos de convivência. Mesmo os conflitos humanos naturais aí existentes, se bem elaborados, ajudam no crescimento e na maturidade das pessoas envolvidas.

O processo psicoterapêutico tem um *aspecto confessional*, semelhante à confissão católica, onde os aspectos sombrios da vivência humana encontram acolhida podendo ser trabalhados psicologicamente. A sombra humana precisa ser conhecida e elaborada no processo de individuação. Na dinâmica terapêutica junguiana, onde se considera a religiosidade como um movimento natural da psique, deve-se acolher e proporcionar uma boa continência para as manifestações espirituais do paciente, que podem ocorrer através do discurso verbal, em sonhos ou outros meios de expressão, como os artísticos por exemplo. Cabe ao terapeuta identificá-las, favorecer seu desenvolvimento e trabalhar sempre conservando uma posição neutra, jamais impondo seus valores éticos e sua crença religiosa ao paciente.

4 – CIÊNCIA E RELIGIÃO

A história mostra uma relação complexa entre ciência e religião, onde a convivência entre ambas muitas vezes foi conflituosa. A religião foi acusada de atrasar o avanço científico recorrendo ao sobrenatural, como também, impondo regras e proibições às pesquisas científicas. Por sua vez, o método científico muitas vezes considerou os resultados científicos como verdades absolutas.¹²

Os posicionamentos sobre os diferentes aspectos da vida, podem variar de uma religião para outra. Mesmo dentro de uma determinada religião, as posições sobre os diferentes assuntos podem variar de uma época para outra. Tanto as religiões quanto as ciências, são construções humanas, sujeitas a equívocos, e mudam com o passar do tempo, devido a diversos fatores.

Na Idade Média, muitos acontecimentos negativos eram atribuídos a castigos de Deus. Particularmente, em relação à Igreja Católica, esta época era caracterizada por uma luta de poder entre esta instituição e aqueles que pretendiam explicar a natureza de uma forma científica.

A partir do Renascimento, com o avanço da ciência, ocorreu uma perda de espaço e credibilidade da religião, quando muitos acontecimentos, antes atribuídos à vontade divina, passaram a ser explicados cientificamente. Neste período, a ciência passou a desenvolver seus próprios métodos de investigação distanciando-se da Igreja, gerando momentos de grande tensão. Grandes nomes apareceram naquela época, como Galileu Galilei (1564-1642) que, embora católico convicto, defendeu a autoridade da ciência, e teve que se retratar sobre suas teorias referentes ao sistema solar.¹³

Nos últimos dois séculos houve um grande desenvolvimento científico, com o aparecimento de grandes nomes na ciência, como Charles Darwin no século XIX, que, embora ligado profundamente à Igreja, na Inglaterra, teve a coragem de apresentar suas teorias sobre seleção natural, no estudo da evolução das espécies. Outra área de grande desenvolvimento foi a Física, com a Física Quântica e a Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Convém salientar que Einstein, um dos maiores cientistas do século XX era profundamente religioso e sabia conciliar religião e ciência.

Desde o Concílio Vaticano II (1962-65) a igreja católica tem se posicionado mais para o diálogo com a ciência possibilitando uma compreensão maior de ambas as partes. salvo em episódios isolados, tem se mantido. O diálogo e o bom senso revelam-se de suma importância para o caminhar da humanidade e para a construção do conhecimento. Ciência e religião se completam no ser humano, permanecendo no seu próprio campo de atuação e ambas interagindo entre si.

Cabe à religião observar o caminhar da ciência, e ampará-la, se necessário, no sentido que a ética esteja sempre presente, tanto no momento de se desenvolver os experimentos científicos, quanto na aplicação dos mesmos, de forma a respeitar o ser humano, os animais e o meio ambiente.

Cabe à ciência observar a religião, no sentido que ocorrências de fenômenos que possam ser explicados cientificamente não sejam atribuídas a milagres divinos.

Juntas contribuem para a construção de um mundo melhor onde as desigualdades sociais sejam minimizadas e cada ser humano tenha uma vida digna, respeitosa com suas necessidades espirituais e materiais satisfeitas.

5 - RELIGIÃO E DIREITO DE ESCOLHA

Ao falar-se de religião nos deparamos com a escolha ou opção do indivíduo por uma crença, que encontra amparo na Constituição Federal, no artigo 5º, VI, que estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

A opção por uma crença religiosa pode ter seu início no nascimento dos filhos. Os pais, engajados numa religião, ou até mesmo por tradição familiar buscam a Igreja para formalizar o batismo dos filhos e assim, tendem a encaminhá-los a fazer parte do povo de Deus e desta forma, cumprir o seu papel diante da igreja.

Esta opção dos pais, muitas das vezes, com a maioria dos filhos, é renegada e estes são levados a optarem por outro caminho, ou outra crença, amparados pela liberdade expressa na Constituição Federal do Brasil, visto estarem livres de qualquer intervenção de poderes

constituídos ou instituições.

Portanto, a religião por uma escolha que tem início com a aceitação do batismo, seja por um encaminhamento dos pais ou opção o direito individual está garantido, independente da crença.

Outro ponto que está legalmente amparado, embora intrinsecamente, é a educação religiosa, bem sabemos que em relação aos pais não restringe somente à introdução dos filhos aos ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana ou outra opção religiosa, mas também amá-los, corrigi-los nos momentos oportunos, vigiá-los de forma coerente, além é claro de dar bons exemplos, conforme a Bíblia aponta em suas passagens evangélicas, que servem como apoio aos pais e ensinamentos aos filhos.

Na educação o pai não dará ao filho alguma coisa que lhe será prejudicial, como exemplificado no evangelho de Mateus: *Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão?* (Mt 7, 9).

A legislação canônica da igreja católica determina a obrigação dos pais cristãos, quanto à educação, conforme o seu Cânone 226:

§2. Os pais, tendo dado a vida aos filhos, têm a gravíssima obrigação e gozam do direito de educá-lo; por isso, é obrigação primordial dos pais cristãos cuidarem da educação cristã dos filhos, segundo a doutrina transmitida pela Igreja.

Como a escola é condição *sine qua non*, para uma educação completa dos filhos e uma das obrigações dos pais dentro das responsabilidades da sociedade civil, a família ainda assim constitui uma escola de valorização humana, comunhão de esposos, cooperação dos pais na educação dos filhos. Como hoje, na sociedade moderna, a presença dos pais no lar é um desafio, não pode ser deixada de lado a assistência, principalmente da mãe aos membros da família. A Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II (1962-65) sobre a Igreja do Mundo de Hoje, proclamou:

A família é como que uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude da sua vida e missão, exige, porém, a benévola comunhão de almas e o comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos. A presença ativa do pai contribui poderosamente para a formação destes; mas é preciso assegurar também a assistência ao lar por parte da mãe, da qual os filhos, sobretudo os menores, têm tanta necessidade; sem descuidar, aliás, a legítima promoção social da mulher.
(Gaudium et spes, n. 52)

Considerando a educação religiosa, nas escolas, constata-se que o ensino religioso também está amparado através do §1º do art. 210 da Constituição Federal Brasileira de 1988 que assim preceitua: *O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.*

O ensino religioso no Brasil passou por várias fases e teve seu início com as escolas fundadas pelos jesuítas na primeira metade do século XVI. De lá para cá seus professores passaram de monges, padres, leigos voluntários para professores remunerados.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) as aulas de religião não podem ter cunho doutrinal, mas sim formativo e informativo, onde às crianças são apresentadas religiões não só cristãs, mas também hinduístas, budistas e outras. Isto baseado na Constituição Federal que expressa ser o Brasil um país de pluralidade cultural e de religiões, se intitula um país laico, onde todos tem liberdade de culto.

Assim, a aula de Religião tem como função trabalhar conjuntamente com as outras disciplinas, assuntos que atualmente levam o nome de *temas transversais*, que por sua vez tem como objetivo assegurar momentos de reflexão sobre moral, ética, civismo e também religião. Do ponto de vista pedagógico as aulas de religião no sistema de ensino não contam com um ambiente de ensino e reflexão para que o aluno reflita sobre suas ações, principalmente nas relações com o próximo. O que acontece é que na grande maioria das escolas o assunto nunca é abordado, sendo amplamente reconhecida a ineficiência dessa proposta pedagógica.

Venosa, ao comentar os novos fenômenos sociais que envolvem a família, com relação à educação, menciona que:

Atualmente, a escola e outras instituições de educação, esportes e recreação, preenchem atividades dos filhos que originalmente eram de responsabilidades dos pais. Os ofícios não mais são transmitidos de pai para filho dentro dos lares e das corporações de ofício. A educação cabe ao Estado ou a instituições privadas por ele supervisionadas. A religião não mais é ministrada em casa e a multiplicidade de seitas e credos cristãos, desvinculados da fé originais, por vezes oportunistas, não mais permite uma definição homogênea.¹⁴

Ainda, a liberdade de crença consoante ensina José Afonso da Silva, em sua obra, também tem amparo legal, na escolha:

a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade (ou o direito) de mudar de religião, mas também compreende a liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo. Mas não compreende a liberdade de embaraçar o livre exercício de qualquer religião, de qualquer crença...¹⁵

Com a liberdade religiosa, com o amparo legal, estamos presenciando a busca incessante por uma religião, seja essa ou aquela,

por vezes até várias ao mesmo tempo. Não existe conflito em nossa legislação, a liberdade de religião permite que o indivíduo faça sua opção com liberdade e o amparo necessário.

Um fato que vivenciamos atualmente, é a disputa entre instituições em busca de adpetos tentando impor conceitos e fundamentos e, por consequência, acabam esbarrando no direito do indivíduo, muitas vezes levando-o a descrença nessas instituições. Com essas imposições externas o indivíduo é pressionado por seus conflitos internos dos valores fundamentais, ou seja, o direito de liberdade individual.

6 - SAÚDE E RELIGIÃO

A evolução da medicina sobre o conhecimento e funcionamento do corpo humano vem aprimorando e elucidando muitas teses e crenças, antigas e populares.

Por mais que tenha aumentado o conhecimento científico do corpo humano, não existe comprovação científica de que este possui alma ou espírito. Nenhuma evidencia que alma ou espírito tenha influência no processo de formação, composição ou alteração do desenvolvimento humano. Isto é uma crença única e particular do ser humano, sendo diversificado seu valor pelas culturas e sociedades, independente de religião.

Nas últimas décadas, o desenvolvimento no campo da neurologia tem favorecido um maior conhecimento deste sistema orgânico tão complexo. Muitos cientistas tem se dedicado nos estudos neurofisiológicos das experiências místicas ou espirituais detectadas em voluntários durante a prece, a meditação e a contemplação. Segundo Marino, alguns as classificam como funções neurológicas do cérebro normal, que funciona como uma janela para o mundo da alma, da consciência e do espírito.¹⁶

Conforme Dalgalarro, indivíduos com fé tem influencia na sua Saúde por acreditar que na fé as pessoas encontram um sentido na vida, são indivíduos que possuem uma rede de apoio social mais forte.¹⁷ Isto favorece uma melhora da autoestima, da confiança, do enfrentamento do problema e da morte, diminuindo sintomas de stress, ansiedade e depressão. O mesmo refere Savioli sobre a espiritualidade como a busca do sentido da vida, independente da religião que é uma opção individual. Afirma também que os seus pacientes com espiritualidade são mais aderentes ao tratamento, fazem uso dos remédios com regularidade, aderem a uma dieta mais regular, respeitam o seu corpo.

Para Savioli a doença não é só física, tem uma dimensão psíquica e uma dimensão espiritual.¹⁸ Áreas cerebrais são ativadas no momento da oração e essas áreas estão conectadas a centros da imunidade. O resultado da pesquisa de Tosta reforça esta afirmação, pois, revelou que um dos principais mecanismos de defesa do organismo, a fagocitose, pode ser estabilizado com preces feitas á distancia.¹⁹ Embora não tenha uma explicação para o fenômeno, ele refere que para testar os medicamentos é

possível quantificar os dados, mas a qualidade da prece é imensurável. Algumas pesquisas demonstram a influência da meditação ou oração na liberação da substância serotonina, que é uma substância atuante nos neurotransmissores com várias funções, entre elas o controle e liberação de alguns hormônios, regulação do ritmo cardíaco, sono, humor, stress.²⁰

A busca pela comprovação da influencia da espiritualidade na saúde e bem estar do individuo deixa de ser um assunto abstrato, faz a espiritualidade sair da subjetividade, com várias pesquisas apontando tanto para resultados positivo como também para resultados sem alterações físicas, mas nenhum aponta com resultado prejudicial à saúde. Isto demonstra um campo aberto que favorece sempre novas pesquisas e observações a serem desenvolvidas.

7 - MÍDIA E RELIGIÃO: OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS.

Observando a sociedade desde as últimas décadas do século passado, percebe-se um aspecto do comportamento social bastante singular no que diz respeito à religiosidade. É muito fácil ligar a televisão ou o rádio em um programa religioso. Eles poder ser de inúmeras denominações religiosas e formatos visto as inúmeras expressões de fé presentes na sociedade brasileira neste início de século.

A ciência vaticinou nos séculos XVIII e XIX o fim da religião, mas ainda hoje o ser humano busca na fê religiosa respostas sobre a sua existência e sentimentos.²¹ A religião ocupa um papel importante na ordenação da realidade e na afirmação do sentido da existência. É uma opção para o enfrentamento das ameaças de um mundo em transformação e fragilizado na vida interior.²²

Este texto, com foco na presença cotidiana de temas religiosos na mídia, em especial na televisão, visa mostrar os usos e os sentidos que essa mídia religiosa vem alcançando na sociedade brasileira, e qual a sua influência na ação de uma religiosidade mais autônoma e individualista que hoje encontramos. Estas reflexões decorrem de leituras e análises de artigos e livros publicados sobre o assunto, citados no decorrer do texto.

Estudar estes aspectos implica em lidar com questões complexas e de difícil entendimento. As reflexões dizem respeito às principais denominações religiosas do momento entre as quais o catolicismo, protestantismo, pentecostalismo e neo-pentecostalismo, embora se observe, também, na mídia, programas que enfocam outras denominações religiosas e de origem oriental. Salienta-se que este texto não faz uma análise teológica ou avaliação sobre os programas comentados, vistos apenas como fenômenos sócio-religiosos.

Hoje, além dos encontros específicos nos seus templos com pregações, doutrinação, proselitismo, cultos e adoração, as religiões estão também na mídia.²³ Isto pode ser questionado em alguns casos, visto que, algumas vezes não se percebe se os objetivos dessa mídia são os valores religiosos ou são programas que disputam audiência e influência com

programas de espetáculos, shows musicais, esportivos e de variedades.

Mídia é aqui entendida como o conjunto de meios de comunicação audiovisuais (TV, rádio, etc.) serviços de telefonia de atendimento, impressos (livros, revistas etc.) e virtuais, além de outros meios como camisetas, adesivos, etc.²⁴

Este tema - mídia e religião – tem despertado interesse e já foi motivo de congressos e simpósios.

A religião católica, majoritária no Brasil, está presente na mídia, inicialmente de forma conservadora. No caso da igreja Católica, no século XV o papa Inocêncio VIII escreveu um documento sobre a mídia, o *Inter Multiplices*, exigindo censura para as publicações, pois afirmava que muitas idéias contrárias à fé e aos bons costumes estavam sendo difundidas.²⁵ O Concílio Vaticano II (1962-65) tratou especificamente deste tema e elaborou um o documento *Inter Mirifica*. É um documento marcado pela abertura que caracterizou os documentos desse concílio. É um documento relevante reconhecendo que a ação pastoral deve utilizar os meios de comunicação, suas tecnologias e espaços, incluindo o cinema e teatro. Também, sobre este assunto se posicionou a Conferência Episcopal Latino-americana (CELAM) nas suas reuniões de Medelim-1968, Puebla-1987, Santo Domingo-1992 e Aparecida-2007.²⁶ Desde os anos 70 do século passado, a igreja católica verificou a importância dos veículos de comunicação para a evangelização dos povos. Então, ocuparam-se pequenos horários da programação no rádio e televisão. Hoje vai além e adquire veículos de comunicação para divulgar os valores cristãos.²⁷ Entre as redes de televisão católicas contamos com a Rede Vida, Século XXI, Canção Nova, Rede Claret que têm entre suas atrações nomes nacionais como Padre Marcelo Rossi, Padre Fábio de Melo, entre outros.

Sabe-se que a televisão e mesmo o rádio são veículos que para assegurarem audiência, necessitam de uma linguagem própria. A liturgia tradicional da missa não se adequa e esse veículo de comunicação de massa. Com o movimento carismático católico e algumas inovações litúrgicas as audiências das missas católicas na televisão aumentaram. Os cultos evangélicos, já tradicionalmente mais elaborados em termos visuais e sonoros, como por exemplo, os cultos da Igreja Batista com grandes corais e boa música, aproveitam essa característica em seus programas na mídia.

Segundo Leonildo Silveira Campos, os evangélicos se despertaram para a mídia na propagação de suas doutrinas e práticas por volta de 1955, através de um programa de rádio intitulado *A voz do Brasil para Cristo*, que deu origem à *Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo*. Em 1962, começou no Rio de Janeiro, outro programa de rádio: *A voz da Nova Vida*, que deu início a uma nova Igreja da qual surgiram as igrejas *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD) e *Igreja Internacional da Graça de Deus* (IIGD). Anos mais tarde, da primeira IURD saiu um dos mais prósperos exemplos de clonagem religiosa: a *Igreja Mundial do Poder de Deus*. No atual cenário religioso, o que seria de uma determinada religião sem se

fazer presente, ainda que de uma forma frágil, no processo midiático? Trata-se de uma questão de sobrevivência saber navegar nas tumultuadas águas da cultura da pós-modernidade.²⁸

Isto significa que se reconhece que as religiões possuem atualmente influência na forma de se teorizar o campo religioso como fenômeno cultural amplo, e não somente como uma ação particular desta ou daquela instituição. Por outro lado, a entrada do campo religioso na mídia motiva estudos sobre a questão da tolerância religiosa e do diálogo inter-religioso. Alguns estudos mostram o caráter perigosamente ideológico e alienante da mídia evangélica.²⁹ Há estudos que procuram na mídia lugar de representações, cuja compreensão permitiria entender as lógicas dos discursos, dos símbolos e das visões de mundo dos grupos evangélicos, a fim de acabar com preconceitos e hostilidades contra essa parcela religiosa minoritária no Brasil.³⁰

Conforme Campos, nos anos 1980 - 1990 surgiu, no Brasil, o pentecostalismo que os especialistas chamam de *neo-pentecostalismo*. Trata-se de uma forma de evangelismo que não mais se contenta em comprar tempo na mídia. Os pastores – agora chamados *bispos*, *missionários* ou *apóstolos* – começaram, graças à instituição do *caixa único* de suas igrejas no Brasil, a centralizar as ofertas e assim somar recursos financeiros que tornaram possível a compra ou a montagem de redes de rádio e de televisão próprias. Desde então, as redes de comunicação televisiva no Brasil passaram a sofrer uma concorrência dos pentecostais. A esse movimento religioso se filiam hoje, em números estimados, 25 milhões de brasileiros.³¹

Assim, o neo-pentecostalismo está presente nos sistemas de mídia, principalmente rádio e televisão, de uma forma mais própria. No entanto, o que se vê é quase sempre a exteriorização de manifestações emocionais e sentimentais, sem o rigor teológico dos hábitos e costumes religiosos. É o uso da mídia, principalmente eletrônica, como caminho do sucesso do empreendimento religioso. Coloca-se a espiritualidade religiosa como uma mercadoria que disputa o mercado globalizado do mesmo modo que o comerciante que se preocupa em vender o seu produto. Ainda mais quando a programação inclui *exorcismos* e *curas milagrosas* a programação *religiosa* é uma opção frente a outros programas de televisão, aparentando mais shows de entretenimento do que religião e espiritualidade.³²

Com o desenvolvimento da tecnologia e conseqüentes avanços no uso da mídia, houve uma multiplicidade de programas religiosos no rádio e na televisão. As mídias hoje ocupam um espaço significativo da religião e da espiritualidade. Já por algum tempo, as mídias são a janela através da qual as pessoas entendem a religião, experimentam a religião e a espiritualidade, e assim as instituições religiosas formais perdem influência e importância em alguns espaços da sociedade.³³

As religiões mais tradicionais têm mais dificuldade para se colocarem na mídia, principalmente pelo desafio à sua autoridade. Nesse

ambiente, elas não podem controlar, como antigamente, as formas e lugares onde as pessoas vivem a fé e descobrem a espiritualidade, visto que as mídias e a cultura são muito mais amplas. Os quadros de referência e linguagem que a mídia utiliza são outros, e com isso as tradições mantidas com empenho são afetadas.³⁴

Neste novo ambiente, as pessoas estão se tornando tanto mais *religiosos* quanto mais *seculares*. Religioso no sentido de que há uma busca ampliada pela religião e pela espiritualidade. Mais seculares porque as pessoas são mais autônomas e céticas, principalmente frente a autoridade clerical e doutrinal.

Há muitos desafios e oportunidades nestas mudanças. As igrejas devem agir buscando seus propósitos e a se acostumarem a fazer parte de uma cultura de influências mediáticas. *Nesse aspecto as religiões tradicionais têm mais oportunidades, porque eles são marcas (por assim dizer) as quais os indivíduos reconhecem como autenticamente religiosa.*³⁵

Pela quantidade de programas religiosos televisivos hoje apresentados, pode-se inferir que todas as denominações religiosas buscam o espaço na mídia. Também, observa-se nesse contexto de mídia religiosa, que o tradicional conceito de *missão evangelizadora* está sendo deixado de lado para melhor alcançar resultados em termos numéricos e abertura de novos templos. Algumas igrejas apresentam objetivos comerciais bem definidos, com metas a serem atingidas, maior participação no mercado. Recursos comuns usados em espetáculos de entretenimento estão presentes nos programas ditos religiosos, na disputa por audiência.³⁶

Os produtos da mídia religiosa, ainda que constituídos com objetivos específicos de evangelização e instrução, etc., podem ganhar outros sentidos quando partilhados com um público heterogêneo em relação à religiosidade e cultura. Religiosidade é um conceito importante nesta análise. Entende-se por religiosidade a forma e o sentimento com que cada indivíduo vive suas crenças e práticas religiosas, independentemente de estar filiado a uma instituição religiosa. A religiosidade pode ser inconstante, sujeita a questionamentos existenciais, a pressões e incentivos do grupo. Por isso, ela é conceito que deve ser considerado para se entender a mensagem recebida de programas da mídia religiosa.³⁷

Porém, existem outros conceitos de religião como o apresentado por Marchionni como sendo *um conjunto organizado de pessoas cujo objetivo é a união do homem com Deus. Trata-se de uma Religião Adulta, estudada e praticada, que evolui do estágio infantil para o maduro, distinguindo-se do fanatismo e do puro sentimentalismo, como também, da religião praticada apenas como tradição social e cultural, diferenciando-se ainda das filosofias cósmico-espiritualistas panteístas.*³⁸

Falar *dessa religião* em tempos de pós-modernidade e de religião midiática significa contrariar idéias pré-concebidas de liberdade. Esta religião vive da obediência filial ao Criador (e aos pastores), enquanto na pós-modernidade a idéia de obediência a poderes superiores não faz

sentido. O catolicismo, e outras poucas denominações, ousa se posicionar frente a questões éticas impopulares, buscando ser ouvida.³⁹ Este conflito pode ser uma das razões do surgimento de muitas denominações religiosas, mais tolerantes em termos de obediência, ética e racionalidade.

Outra posição diferenciada, sobre a religiosidade e o sagrado e o profano é expressa pelo pensador alemão Rudolf Otto no livro *O Sagrado*:

Para que uma experiência religiosa do sagrado em e por meio de Cristo seja possível, a premissa é que a própria obra de Cristo ainda seja compreensível de forma imediata por nós, que se possa experimentar o seu valor, daí surgindo a impressão direta da sua santidade. Aqui, porém, parece surgir uma dificuldade que, caso não superada, tornaria o problema insuperável: a questão se aquilo que julgamos possuir em Cristo e no cristianismo ainda seja a mesma coisa que Cristo quis significar e oferecer, que ainda se trata do mesmo efeito que a sua primeira comunidade nele experimentou.

*O cristianismo como ele se nos depara hoje, religião universal, apresenta a promessa de ser, em sentido mais intrínseco, religião redentora. Salvação e salvação abundante, libertação e superação do mundo, da existência presa no mundo, aliás, da própria criaturalidade, superação da distância de Deus e da inimizade com Deus, redenção da servidão ao pecado e da culpa pecaminosa, reconciliação e remissão, e por isso graça e doutrina da graça ...*⁴⁰

Outra consideração séria pode ser apresentada, pois, não se precisa de muitas leituras para admitir que as religiões em geral têm como princípio a fraternidade universal. Todavia, ao se apresentarem no campo religioso, o discurso da tolerância é substituído por um conflito no qual cada igreja tenta eliminar a concorrência e alcançar a hegemonia na definição do sagrado, do profano e do comportamento do fiel.⁴¹

Nesse discurso, adaptam suas linguagens aos padrões da comunicação de massa, aliando a contundência do discurso religioso às características específicas do discurso mediático. Isto decorre do interesse do proselitismo da cada religião. *Quanto mais acirrada a disputa pelo domínio do campo, maior a alocação de um capital religioso-simbólico para conseguir a hegemonia.*⁴² Este paradoxo no desenvolvimento das religiões não é novo, visto que na história da humanidade são inúmeras as guerras religiosas. Hoje, a agressão física foi substituída na mídia.

O uso da mídia como espaço privilegiado de luta é uma especificidade do século atual. No uso da mídia, as religiões *testam* a eficácia do seu discurso, adequando a linguagem religiosa a da mídia.⁴³ Sabe-se que a eficácia simbólica é tanto maior quanto menos explícitos

estiverem os instrumentos de controle. Assim, a linguagem tende a ser dissimulada, com algumas exceções, e o sentido da concorrência permanece subjacente ao conjunto dos textos e contextos. A luta pelo domínio do campo religioso é uma realidade. A mídia oferece diversos exemplos de como as diferentes idéias religiosas se digladiam na conquista de novos adeptos. Essa violência ainda que não beire os excessos dos fundamentalistas, está sempre presente, principalmente no campo simbólico, cujo espaço de combate é representado pelos meios de comunicação de massa.⁴⁴

David Hume faz uma afirmação contundente sobre a vivência religiosa na sociedade:

*É certo que, em toda religião por mais sublime que seja a definição verbal que ela ofereça da sua divindade, muitos adeptos, talvez a maioria, procurarão obter o favor divino, não por suas virtudes nem por seus bons costumes, únicas coisas que podem ser agradáveis a um ser perfeito, senão por práticas frívolas, por um zelo imoderado, por êxtases violentos ou pela crença em opiniões misteriosas e absurdas.*⁴⁵

Embora não exista ser humano que não valorize, por sua razão natural, que a virtude e a honestidade são as qualidades mais valiosas que uma pessoa pode possuir, por que não fazer que toda religião consista nessa realização. *Não é satisfatório dizer que a prática da moralidade é mais difícil do que a da superstição – e é, portanto rejeitada. Constata-se algumas vezes, a prática de penitências excessivas, mesmo por homens corrompidos e depravados.*⁴⁶

Tudo o que enfraquece ou perturba as disposições interiores do homem favorece os interesses da superstição; e nada os destrói mais do que uma virtude viril e constante, que nos preserva dos acidentes desastrosos e melancólicos ou que nos ensina a suportá-los. Quando resplandece essa serenidade de espírito, a divindade jamais aparece sob falsas aparências.⁴⁷

Tudo isso ocorreu e ainda ocorre, junto a uma grande transformação sócio-cultural e do processo de globalização da economia. As comunidades religiosas pequenas, formada de pessoas que se conhecem, se relacionam, irão sofrer alterações profundas. A tradição do encontro no templo com o sacerdote e os fiéis se transforma numa *religião de mídia* com um novo tipo de pastor ou sacerdote – o animador de auditório – amparado pelo som de uma música diferente da tradicional nas Igrejas. O *ministério da música* ou *do louvor* passa a ser desenvolvido por grandes produtores de música e canções religiosas, fazendo surgir uma indústria cultural religiosa que tem como seus artistas pastores e padres cantores, ou seja, *novos intermediários culturais.*⁴⁸

O desenvolvimento da religião mediática obrigará a reformulação das

estruturas religiosas que até hoje conhecemos e que foram consideradas *essenciais* para a vivência da fé até os nossos dias. A boa espiritualidade está ligada com qualidades e virtudes do espírito humano, com a capacidade de amor, de compaixão, delicadeza e fraternidade. Mas podem ser desenvolvidas e aprimoradas sem o convívio na comunidade? No santuário virtual, o animador estará situado à distância e fiéis isolados reduzidos às suas vidas individuais. E a essência da vida cristã que é a vida em comunidade na qual o Cristo se revela, onde será encontrada?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após leituras, discussões e pesquisas, procurando confrontar visões culturais e abordagens religiosas, concernentes à geração da vida e o destino humano, aprofundamos o fenômeno da religião e das crenças dentro da sociedade contemporânea, considerando as práticas de vários grupos religiosos, assim como a resposta das várias ciências para este argumento.

Recordamos a frase emblemática que soava pelas ruas de Paris em tempos de monarquia: *o rei está morto, viva o rei*. Parafraseamos igualmente: *a religião está morta, viva a religião*. Reconhecemos que este é um tempo onde o fenômeno religioso, *pediu carona* nos instrumentos contemporâneos de comunicação e de organização social e voltou a imperar em tantos espaços sociais e políticos. A própria religião extrapolou os limites dos templos e entrou nos estúdios de rádio e televisão, nas redes sociais, nos espetáculos musicais e tanto mais. Mas isso merece uma séria apreciação, pois existem muitas controvérsias no exercício dos ritos, na pregação das doutrinas e na organização de seus sistemas operacionais. Descobriu-se há séculos que a religião é carregada de culturas e ideologias. Evidenciou-se nestas décadas que a religião é embebida de interesses financeiros e econômicos.

O sentimento religioso difere-se portanto do fenômeno religioso, que por sua vez se distancia da organização religiosa. Praticar uma religião saudável, coerente e sem hipocrisia é o que se espera para todos os fiéis neste novo milênio.

As religiões não somente acompanham a história, mas, também podem transformar para recompor suas teodicéias, para enfrentar os deslocamentos no mercado de bens sagrados e fornecer credibilidade às experiências dos homens.

A experiência caótica coletiva, nesta pós modernidade, faz com que as religiões tradicionais respondam a este processo, procurando reinventar-se no âmbito dos seus próprios quadros institucionais. Por outro lado esta situação oferece oportunidade, também, para experimentos religiosos inovadores, que procuram ocupar os espaços abertos e oferecem

novos caminhos. Mesmo considerando que muitas destas práticas religiosas são fortemente questionáveis, não se pode ignorar que elas conseguiram êxito.

O século XX foi marcado por grandes mudanças sociais como a migração de povos e de pessoas, o entrelaçamento de culturas e de religiões, que produziram o encontro de diferentes tradições e fecundaram modos sincréticos de conferir sentido às estruturas sociais da modernidade. As grandes profecias de um mundo sem religião que afluíam algumas décadas atrás perderam suas interjeições. Os profetas dos deuses da tecnologia, das ciências racionais e das pesquisas científicas diante da explosão de práticas míticas, místicas e ritualísticas que se espalharam pela aldeia global ficaram, evidentemente, surpresos. Porque, então, voltou a prática religiosa com tanta força e tanta procura na sociedade contemporânea, convivendo com a razão, com as ciências naturais e com as novas descobertas científicas?

O homem moderno conserva traços de valores religiosos que o culto à matéria, a massificação e a dessacralização do mundo não conseguem apagar.

A psicologia entende isso como uma necessidade de filiação, proteção e harmonia, onde o sentimento de pertencer a um grupo, são comuns aos seres humanos. A participação em uma comunidade religiosa cumpre em grande parte esta necessidade em função do engajamento nas atividades e trabalhos exercidos na igreja a que pertencem.

A opção por uma crença, no sentido de uma opção religiosa podemos dizer que tem seu início com o nascimento dos filhos. Os pais, dependendo da sua opção religiosa, engajados na mesma, ou até mesmo por uma tradição familiar buscam seus caminhos.

A opção dos pais muitas das vezes, com o passar dos anos, especificamente com a maioridade dos filhos, dependendo do grau ou do ramo dos estudos e até conhecimento acerca dos meios científicos são levados a optarem por outro caminho, mas faz parte da liberdade do indivíduo, que está livre de qualquer intervenção de poderes constituídos ou instituições, optar pela sua liberdade religiosa.

A procura pela comprovação da influência da espiritualidade na saúde e bem estar do indivíduo deixa de ser um assunto abstrato, faz a espiritualidade sair da subjetividade, com várias pesquisas apontando tanto para resultados positivos como também para resultados sem alterações físicas, mas nenhum aponta com resultado prejudicial à saúde. Isto demonstra um campo aberto que favorece sempre novas pesquisas e observações a serem desenvolvidas.

A religião também está na mídia. Na religião católica, o Concílio

Vaticano II tratou especificamente deste tema e elaborou um documento *Inter Mirifica*. É um documento reconhecendo que a ação pastoral deve utilizar os meios de comunicação, suas tecnologias hoje apresentados, pode-se inferir que todas as denominações religiosas buscam o espaço na mídia.

Resumindo, podemos entender que apesar de tanto proclamarem que a religião estaria morrendo, ela se renova cada vez mais, envolvendo neste processo o próprio conhecimento do indivíduo, sua crença, sua religiosidade e sua formação ética. O conhecimento científico não interfere na escolha de como aplicar a sua religiosidade, pois a mesma é motivada pela busca da essência espiritual e da crença que o homem ministra em sua função.

*GRUPO DE REFLEXÃO SOPHOS: é um grupo composto por estudiosos de várias áreas do conhecimento: Brás Lorenzetti, teologia; João Henrique Hansen, literatura e bioética; Leila Marrach Basto de Albuquerque, sociologia; José Maria de Camargo Barros, atividade física e saúde; José Sílvio Govone, ciências estatísticas; José Carlos Benetti, engenharia; Josiane Lazarini, enfermagem e artes; Lucília P.S.C. Barros, problemas de aprendizagem; Maria Aparecida Govone, ciências contábeis; Maria José Ossick, ciências jurídicas; Marcos Tadeu Borges, psicologia; Antônio S. Bogaz, teologia; Marcos R. Vaz Pinto, pedagogia. É um grupo multidisciplinar interessado em aprofundar e refletir temas pertinentes da realidade contemporânea. Constituído em 2010, com o propósito de discutir temas controversos, aprofundou leituras, discussões e pesquisas, procurando confrontar visões culturais e abordagens religiosas, com sistemas legais e quadros sociais. Estudou primeiro, questões concernentes à geração da vida e o destino humano. Nos últimos meses, aprofundou análises dos fenômenos religião e crenças na sociedade contemporânea, considerando as práticas de vários grupos religiosos, assim como a visão de várias ciências sobre este tema. Destas leituras, reflexões e discussões, produziu este breve trabalho ora apresentado.

Cf. BERGER, *El Doseil Sagrado*: Elementos para una Sociologia dela religión. Buenos Aires: Amorrortu, 1971.

² Cf. BECK, A reinvenção da política rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In BECK, U. – A. GIDDENS – S. LASH, *Modernização reflexiva*: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1997, p. 26.

³ Idem, p. 34.

⁴ Cf. C. GEERTZ, C. O futuro das religiões, *FOLHA DE SÃO PAULO* – Caderno Mais, 14/05/2006, p. 10.

⁵ Cf. F. TEIXEIRA, Diferentes opções espirituais em busca do sentido. *AGENDA LATINO-AMERICANA* (2012).

⁶ Cf. C. GEERTZ, C. O futuro das religiões, op.cit.; P. BERGER, P., *El Doseil Sagrado*, op.cit.

⁷ Cf. J. A. MARINA, J. A., *Opinião sobre a religião*. *AGENDA LATINO-AMERICANA*, (2012).

⁸ Cf. É. DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*: o sistema totêmico. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁹ Cf. A. P. BALTODANO, *A mudança social começa com a transformação da ideia de Deus*: providencialismo, pragmatismo resignado e neoliberalismo. *AGENDA LATINO-AMERICANA* (2012).

¹⁰ Cf. M. GRANÉS, O que expressam as religiões e não morre com elas. *AGENDA LATINO-AMERICANA*, (2012).

¹¹ Cf. C. G. JUNG, *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 509.

¹² Cf. J. S. CROATTO, *As Linguagens da Experiência Religiosa*: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2004.

¹³ Idem.

- 14 Cf. S. S. VENOSA, *Direito Civil: direito da família*. São Paulo: Atlas, 2002, p. 9.
- 15 Cf. J. A. da SILVA, *Curso de direito constitucional positivo*. De acordo com a nova Constituição. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1989.
- 16 Cf. R. MARINO, *A Religião do Cérebro*. São Paulo: Gente, 2005.
- 17 Cf. P. DALGALARRONDO, *Hipóteses de como a fé influencia na Saúde*. Campinas: Unicamp, 2007.
- 18 Cf. R. M. SAVIOLI, *Milagres que a medicina não contou*. São Paulo: Global, 2004.
- 19 Cf. C. E., TOSTA, Prece e cura. In EVILÁSIO F. B. – TEIXEIRA, M. C. M. – SILVA, J. D. T. da (Eds.), *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 101-115.
- 20 Idem.
- 21 Cf. A. MARCHIONNI, *Ética: a arte do bom*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- 22 Cf. F. TEIXEIRA, Diferentes opções espirituais em busca do sentido, op. cit.
- 23 Cf. S. BUDKE, Mídia e religião: das peregrinações ao universo das telecomunicações. *REVISTA ELETRÔNICA DE ESTUDOS E PESQUISAS DO PROTESTANTISMO*. (2005), 8, p. 43-56.
- 24 BELLOTTI, K. K. Mídia, Religião e História Cultural. *REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO*, (2004), 4, p. 96-115.
- 25 Cf. E. D. T. CABRAL, Mídia e religião: busca de lucro ou valores? *BOLETIM ELETRÔNICO SETE PONTOS*, (2007), 38.
- 26 Cf. J. T. PUNTEL, *Inter Mirifica: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- 27 Cf. E. D. T. CABRAL, Mídia e religião, op. cit.
- 28 Cf. L. S. CAMPOS, Mídia e religião no Brasil. *REVISTA IHU*, 2009.
- 29 Cf. H. ASSMANN, A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina. *REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO*, (2004), 4, p. 96-115.
- 30 Cf. L. S. CAMPOS, *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um Empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997
- 31 Cf. L. S. CAMPOS, Mídia e religião no Brasil, op. cit.
- 32 Cf. K. R. M. PATRIOTA, Mídia e entretenimento: em busca da religiosa audiência. *REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO* (2008), p. 69-88.
- 33 Cf. S. M. HOOVER, Para existirem hoje, as religiões devem existir na mídia. *REVISTA IHU* (2011).
- 34 Idem.
- 35 Idem.
- 36 Cf. K. R. M. PATRIOTA, Mídia e entretenimento: em busca da religiosa audiência. *REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO*, (2008), P. 69-88.
- 37 Cf. K. K. BELLOTTI, Mídia, Religião e História Cultural. *REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO*, (2004), 4, p. 96-115.
- 38 Cf. A. MARCHIONNI, A. *Ética*, op. cit., p. 234.
- 39 Idem.
- 40 Cf. R. OTTO, *O Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 196-197.
- 41 Cf. L. M. S. MARTINO, O paradoxo do sagrado: um estudo da mídia institucional religiosa. *ECCOS REVISTA CIENTÍFICA*, (2001), 3(2), p. 51-62.
- 42 Cf. P. BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992; L. M. S. MARTINO, O paradoxo do sagrado, op. cit.;
- 43 Cf. L. M. S. MARTINO, O paradoxo do sagrado, op. cit.
- 44 Idem.
- 45 Cf. D. HUME, D., *História natural da religião*. São Paulo: UNESP, [1757] 2005, p. 115.
- 46 Idem, p. 119.
- 47 Idem, p. 120.
- 48 Cf. L. S. CAMPOS, Mídia e religião no Brasil, op. cit.

